

Marco Antonio Lança

Orientador:

Prof. Dr. Gustavo Neves da Rocha Filho



ÃO VICENTE, A PRIMEIRA VILA DO BRASIL

102

pós-

RESUMO

O município de São Vicente, situado no litoral paulista, surgiu a partir da primeira vila fundada no Brasil, em 1532. O presente texto pretende resgatar alguns elementos remanescentes da época de sua fundação, buscando o devido reconhecimento como componentes de nosso patrimônio cultural, dignos de preservação. É um trecho atualizado da dissertação para obtenção do título de mestre, submetida à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, em 1996. Seu título: *Vilas paulistas do século XVI*. A pesquisa trata da ocupação do território paulista, ocorrida no século 16. Fundamenta-se em fontes de informação e estudos realizados sobre a história da urbanização do Brasil, particularmente, sobre a capitania de São Vicente. É uma procura do entendimento do processo de assentamento de núcleos de povoamento daquele período, onde os principais focos de ocupação se concentraram na Baixada Santista e no planalto paulista.

ABSTRACT

The municipality of São Vicente on the coast of the state of São Paulo rose from the first village founded in Brazil in 1532. This text reveals some remaining elements in an attempt to have them recognized as part of our cultural heritage and worthy of preservation. This text is an updated excerpt of a master's thesis, *Vilas paulistas do século XVI*, submitted to University of São Paulo's College of Architecture and Urbanism. The research covers the settlement of the state of São Paulo during the 16th century and is based on sources of information and studies of the history of the urbanization in Brazil, particularly in the São Vicente region. The text seeks to illuminate the settlement process during that period, when most of the villages in the Santos coastal region and the São Paulo plateau were founded.

AS VILAS

Os primeiros modelos de cidade trazidos de Portugal para o Brasil decorrem dos modelos das cidades medievais da Península Ibérica, embora já dentro do período renascentista. Limitavam sua legislação ao que estava prescrito nas *Ordenações do Reino*, que cuidavam antes dos edifícios e servidões, com limitações ao direito de propriedade do que de como atuar para fundar cidades. *“Estas eram consideradas cada qual como um caso particular, a exigir determinações específicas, que podiam variar de cidade para cidade. Mas, com frequência, os preceitos contidos nas Cartas Régias, que tratavam da fundação de vilas e cidades, iam passando de umas para outras e constituindo-se em corpo de doutrina.”* O Regimento de Tomé de Sousa não menciona um plano para a cidade de Salvador, mas Luís Dias, o arquiteto da armada, trazia modelos de cidades, possivelmente à moda medieval: uma cidadela disposta em uma elevação acima do nível do mar, para oferecer condições naturais de defesa, circundada por muralhas. (SANTOS, 1968, p. 38-40)

A extensão territorial administrada por um conjunto de indivíduos eleitos pelo povo era, e ainda é, o município. Procedente da legislação romana, foi transplantado de Portugal para o Brasil durante o reinado de D. João III, com Martim Afonso. Além de corporações administrativas, as antigas municipalidades portuguesas exerceram influência nos negócios gerais do Estado. A sede dessa extensão territorial era a vila, que, muitas vezes, constituía-se em verdadeiros governos regionais. (ZENHA, 1948, p. 23)

ORIGENS DA VILA DE SÃO VICENTE

Sobre a localização e a delimitação da primeira Vila de São Vicente, fundada por Martim Afonso de Sousa, e destruída pelo mar em 1542, há apenas algumas hipóteses. Deveria ficar mais junto da praia próxima à atual praça 22 de Janeiro. Da segunda, ainda se conserva o espaço geográfico, cênico e paisagístico, o edifício da Igreja Matriz, com seu largo de Santo Antonio e as ruínas do Porto das Naus. A área do Engenho dos Erasmos, fundado no século 16, encontra-se, hoje, dentro dos limites do município de Santos, mas, originalmente, também pertencia à Vila de São Vicente.

A capitania de São Vicente teve como sede regional a vila do mesmo nome. Surgiu, oficialmente, em 1532, com Martim Afonso, e a partir de 1549 estaria sob as ordens do Governo Geral, então instalado.

Em *Raízes da formação administrativa do Brasil*, de Marcos Carneiro de Mendonça, encontra-se a carta que Tomé de Sousa escreveu ao rei de Portugal, em 1ª de junho de 1553, contando o que fez e o que encontrou pelas capitanias do Brasil. Sobre a capitania de São Vicente, diz o seguinte: *“São Vicente, Capitania de Martim Afonso, é terra muito honrada e de grandes águas e serras e campos. Está a Vila de São Vicente situada em uma ilha de três léguas de*

(1) O presente texto foi elaborado com base em fontes de informações impressas com diferentes ortografias. As citações foram destacadas exatamente como estão nas fontes impressas, isto é, com as ortografias originais, correspondentes aos diferentes períodos de suas publicações. No final de cada citação estão mencionados o nome do autor a ser encontrado na bibliografia, bem como o ano da edição e a paginação respectivos. Proízes eram os cabos com que se amarravam as embarcações a terra.

comprido e uma de largo, na qual ilha se fez outra vila que se chama Santos, a qual se fez, porque a de São Vicente não tinha tão bom pôrto, e a de Santos que está uma légua da de São Vicente tem o melhor pôrto que se pode ver; e todas as naus do mundo poderão estar nêle com os proizes¹ dentro em terra. Esta ilha me parece pequena para duas vilas; parecia-me bem ser uma só, e toda ilha se termo dela verdade, é que a Vila de São Vicente diz que foi a primeira que se fez nesta costa, e diz verdade, e tem uma igreja muito honrada, e honradas casas de pedra e cal, com um colégio dos irmãos de Jesus...” (MENDONÇA, 1972, p. 65-7).

São Vicente já existia antes da oficialização, fato comprovado pelas descrições de Alonso de Santa Cruz, de 1530, dois anos antes de Martim Afonso. Talvez fosse uma feitoria, pois já existia a “*casa de pedra e torre*” para defesa dos ataques indígenas. Além disso, já deveria ser conhecida, em Portugal, essa casa de pedra de São Vicente, como era comum construir-se torres de defesa em feitorias as quais existiram no mundo português em colonização. Seria já uma benfeitoria, parte da iniciativa individual que, em seguida, iria receber os privilégios da legislação.

Taunay aponta que, em 1550, Nóbrega mandou fundar o Colégio de São Vicente pelos padres Leonardo Nunes e Diogo Jacome (TAUNAY, 1921, p. 5).

Relatos do século 16 indicam que São Vicente possuía, além do colégio jesuíta, a matriz de Nossa Senhora da Assunção, as igrejas de Nossa Senhora da Praia e de Santo Antonio.

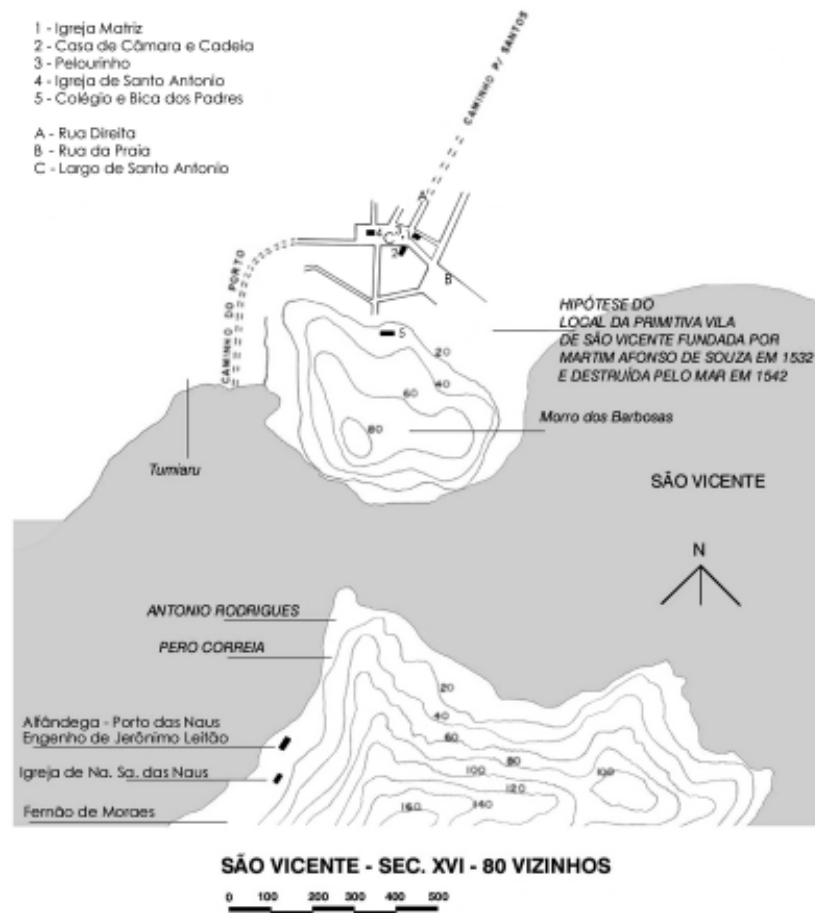
Frei Gaspar, quando descreve o desaparecimento da primitiva vila em função de um forte avanço do mar, menciona que durante o ano de 1542 os camaristas se congregaram nas respectivas igrejas pelo fato de o mar ter levado “*as casas do Concelho*”. Pela mesma razão reuniram-se em julho do mesmo ano para decidirem sobre nova casa para o concelho. “*... No ano de 1542, já não existia a casa do Concelho e a povoação se tinha mudado para o lugar onde hoje existe, segundo consta de alguns têrmos de Vereações dêsse tempo, nos quais acho que os Camaristas se congregaram na Igreja de Nossa Senhora da Praia em 1 de janeiro, e em 11 de março, e na de Santo Antonio em 1 de abril, e 20 de maio do dito ano de 1542, por ter o mar levado as casas do Concelho. Pela mesma razão se assentou na Vereação de 1 de julho dêste ano fazer casa nova para o Concelho. Aos 3 de janeiro de 1545, levaram em conta a Pedro Colaço, Procurador do Concelho, no ano antecedente, a quantia de 50 réis, que se haviam gasto em tirar do mar os sinos e Pelourinho da praia; 20 a quem o conduziu para a Vila e 250 que satisfizera a Jerônimo Fernandes por dar a pedra, barro e água necessária para novamente se levantar o dito Pelourinho.*” (Arquiv. da Câm. de S. Vic. Cad. de Vereaç., ano 1542, apud MADRE DE DEUS, 1975, p. 61-2)

Fernão Cardim, em missão jesuítica, conta que chegaram em São Vicente, em 20 de janeiro de 1585, dia do mártir São Sebastião. “*Houve muitas confissões e comunhões, assim na nossa casa como na matriz.*” (CARDIM, 1980, p. 172). É uma constatação que havia uma matriz e uma casa dos jesuítas, além, provavelmente, de uma outra construção destinada ao colégio.

Na carta do padre Leonardo Nunes aos padres e irmãos de Coimbra, de 20 de junho de 1551, há menção que São Vicente possuía, além de igreja, uma grande casa para aposento dos padres: *“Después que escrevimos a postrera vez, que fué en el mes de Novembre, siempre hemos tenido mucho que hazer, porque acabamos la iglesia, y es la más devota que agora está en toda esta costa. La capilha es mui bien aforrada y muy hermosa, y un tertio de la iglesia por amor de los altares es también aforrado. Tenemos el Sanctíssimo Sacramento en quanto yo estoy en casa, cosa que a todos es muy gran consolación assí a nuestros Hermanos como a la gente de fora. También hazemos una gran casa, fuera esta donde estamos, para aposento de los Padres que quá venierem, que con tanto deseo y necesidad aquí esperamos, ...”* (LEITE, 1958, v.1, p. 232-3).

A atual Igreja Matriz de São Vicente, referida no século 16, segundo Lúcio Costa: *“... conserva, tanto externa como internamente, as proporções e o aspecto geral das igrejas mais antigas, embora os vãos e o frontão datem do século XVIII, [...] é bem possível que seu arcabouço ainda seja o mesmo daquela primeira igreja referida pelo governador-geral [...] e que ainda agora se conservam na igreja, [...], quatro colunas e um sacrário, trabalhados no estilo característico dos altares jesuíticos do primeiro período.”* (COSTA, 1978, p. 23)

Figura 1: A Vila de São Vicente, no século 16
 Fonte: GEGRAN, São Vicente, SP, 1974. Escala 1:10.000; CALIXTO, 1924, p. 65



PORTO DAS NAUS

As existentes ruínas do Porto das Naus estiveram diretamente ligadas às origens da Vila de São Vicente, pois, documentos comprovam que o local funcionou como ponto de produção e comercialização de produtos da vila e da capitania de São Vicente durante o século 16.

Acerca de São Vicente, nas *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*, de Serafim Leite, encontra-se a “Confirmação Das Terras Doadas Pelo Ir. Pero Correia Ao Colégio de S. Vicente”, em 22 de março de 1553, que diz o seguinte: “*Amtonio d’Óliveira, capitão e ouvidor com alçada por ho Senhor Martim Afonso de Sousa, governador desta Capitania de Sam Visente em costa do Brazil e etc. Faço saber aos que esta minha carta de confirmação e de dada virem como por Pero Correa, morador em esta Vila de Sam Visente, me foi feita huma petição em que diz que por Guonçallo Monteiro, que aqui foi capitão, lhe forão dadas duas terras, convém a saber, huma aqui da outra banda desta ylha, que chamão Porto das Naos, que era dada a hum Mestre Cosme, bacharel, he outra donde chamão Perohibe, [...] A primeira que lhe foi dada, que hé defronte desta ilha e Villa de São Vicente, que era antes dada pelo Governador a hum Mestre Cosmo, bacharel, que o dito Gonçalo Monteyro ouve por devoluta, começa a partir do Porto das Naos partindo com terras de Antonio Rodriguez, até ir partyr com terras de Fernão de Moraes defunto ou com cujas forem daqui por diante, e pera melhor declaração asi como se achar que o dito bacharel Mestre Cosmo partia, porque, pelas proprias demarcaçois que lhe era dada, a deu hora ao dito Pero Correa, onde comesou a partir, que hé no dito Porto das Naos, ficava hum recio de tiro d’arco asi como foi mandado he ordenado polo Senhor Governador que fica he livre e desembarguado pera quando as naos alli emcorasse...*” (LEITE, 1958, v.1, p. 459).

Em 14 de agosto de 1580, a câmara de São Vicente concedeu a Jerônimo Leitão as seguintes terras para erigir um trapiche com casa de purgar e capela: “*Auto, que os Offciaes da Camara mandaram fazer de como o Senhor Capitam Jeronymo Leitam pedio licença, para fazer hum Trapiche em terras do Conselho da banda d’aleem.*”

Nesse trecho Frei Gaspar contesta que as referidas terras possam ser as mesmas em que diziam estar a casa da Alfândega, onde se despachavam as cargas e embarcações. Mas, mais adiante, afirma: “*Da petição feita por Jerônimo Leitão, quando pediu licença para edificar o seu Trapiche, consta que Martim Afonso, dando por sesmaria ao velho Antônio Rodrigues as terras fronteiras a Tumiaru, reservara um pedaço delas para ali se crenarem as embarcações.*” E apresenta o seguinte título: “*Martim Affonso [...] deu na dita terra ao Conselho hum tiro de arco em roda para varadouro dos navios (porque n’aquele tempo parece que varavão alli).*” (Arquivo da Câm. de S. Vic., liv. de Vereaç., rubricado por João Pago a. f. 117, apud MADRE DE DEUS, 1975, p. 48-50)

Antonio Rodrigues, em seu estaleiro, no Porto Tumiaru, São Vicente, construía e reparava barcos, bergantins, além de aprovisionar navios. Crenar é o trabalho de desbastar a madeira para a confecção de embarcações. Varadouro era

lugar raso em que se podiam recolher as embarcações dos diversos tipos, para consertá-las ou guardá-las. Segundo frei Gaspar, Antonio Rodrigues ocupou cargos de destaque em São Vicente, como juiz, vereador e almotacé. Já morava aqui quando chegaram os primeiros povoadores, sendo esta uma das razões de o capitão-mor fundar a Vila de São Vicente na última barra, não tão boa como a de Santos. Aparece também no livro antigo da câmara de São Vicente, datado de 4 de agosto de 1534, que deram a “*vara de Almotacé a Antônio Rodrigues, morador da banda dalém*”. (MADRE DE DEUS, 1975, p. 120)

João Ramalho, genro de Tibiriçá, no planalto, cuidava do fornecimento de gêneros para os navios no litoral, além de mandar escravos aprisionados no sertão para seu sócio Antonio Rodrigues, residente no Porto de Tumiaru. Calixto afirma que, em Tumiaru, residia Antonio Rodrigues com a filha de Piqueroby, lá havendo um grande núcleo indígena, onde, por meio de escavações, foram encontrados objetos de arte indígena (PETRONE, 1965, p. 33; CALIXTO, 1924, p. 171-2).

No *Diário da navegação de Pero Lopes de Sousa* consta que encalharam uma nau no Porto Tumiaru e ali construíram uma casa das velas e enxárcias. “*Terça-feira pela manhã fui n’hum batel da banda d’aloeste da bahia e achei hum rio estreito, em que as naos se podiam correger, por ser mui abrigado de todolos ventos: e à tarde metemos as naos dentro com o vento sul. Como fomos dentro mandou o capitam l. fazer hũa casa em terra para meter as velas e emxarcia. Aqui neste porto de Sam Vicente varámos hũa nao em terra. A todos nos pareceu tam bem esta terra, que o capitam l. determinou de a povoar, e deu a todolos homens terras para fazerem fazendas: e fez hũa villa na ilha de Sam Vicente e outra 9 leguas dentro pelo sartam, à borda d’hum rio, que se chama Piratinimga: e repartiu a gente nestas 2 villas e fez nellas officiaes: e Pôz tudo em boa obra de justiça, de que a gente toda tomou muita consolaçam, com verem povoar villas e ter leis e sacrificios, e celebrar matrimônios, e viverem em comunicaçam das artes; e ser cada um senhor do seu; e vestir as enjurias particulares; e ter todos outros bens da vida sigura e conversavel.*” (*Diário da navegação de Pero Lopes de Sousa*, 1861, p. 66)

Há, ainda hoje, ruínas de pedra e cal, motivo de dúvidas quanto à sua origem. Pelas referências expostas acima, parece quase certo que, de fato, tais ruínas possam ter sido utilizadas por Jerônimo Leitão, em 1580, para instalação de seu engenho. Francisco Martins dos Santos defende isso com diversos documentos pesquisados: “*As tão faladas ruínas de São Vicente, são exactamente como revelou Frei Gaspar há cento e cinquenta annos quasi, os restos do Engenho de Jerônimo Leitão, trapiche, casa de purgar e talvez outra qualqué construção, conjunta, da antiga propriedade seiscentista,*” (aqui o autor talvez quisesse dizer quinhentista) “*existentes, isso sim, no mesmo lugar do primitivo trapiche alfandegário, no ambiente profundamente histórico, onde viveu o bacharel Mestre Cosme Fernandes, onde viveu Gonçalo da Costa, figuras primaciaes do primeiro povoamento paulista, e onde viveu Pero Corrêa, o primeiro apóstolo da catechése em terras de S. Paulo.*” (SANTOS, 1937, p. 108)

“... comunicou-se sempre o bacharel Méstre Cosme com as expedições que passavam, negociando escravos, vendendo ou permutando generos da terra, negociando barcos, fornecendo guias e práticos para a navegação sul e penetração das florestas, depois que a miragem da prata começou a attrahir os aventureiros.” (SANTOS, 1937, p. 120)

A CONFIGURAÇÃO DA VILA DE SÃO VICENTE

“... situada no meio do istmo para um farrilhão ou promontorio², em que ella remata por este lado. Os morros deste promontorio alimentariam os mananciais de água para a povoação; e dariam no princípio pedra para as obras; e os matos, que ainda hoje os cobrem, forneceriam com a maior commodidade a necessaria lenha. Um pequeno regato, essencial para muito em qualquer povoação, corre para o lado da barra, e vai desaguar na deliciosa praia que segue contornando a ilha. Para o rumo oposto, a quasi igual distancia, havia outra vez agua, um mar pequeno, com beiras mui a proposito para porto e varadouro das canoas [...] Finalmente, do local preferido se descobria, pela barra, o mar até perder-se no horizonte, o que permittiria aos moradores, sem atalaias de aviso, juntarem-se ao tempo para acudir e qualquer rebate de pirata inimigo. O viajante que percorresse a ilha de São Vicente, em busca da melhor paragem para uma povoação sobretudo no mez de janeiro, em que a praia de Embaré, fronteira à barra, está alagada, ainda hoje não indicára outra mais adequada, se o porto de São Vicente pudesse competir com o de Santos, aliás abafadiço e tristonho.” (PORTO SEGURO, s. d, p. 154-5)

Frei Gaspar é bastante claro quando conclui que São Vicente se situava entre o atual Morro dos Barbosas e a praia de Itararé: “Por estas, ou alguma outra razão que ignoro, levantou a Vila no fim da praia de Tararé, junto ao mar, em sítio alguma cousa distante do pôrto de Tumiáru, entre o qual e a povoação se intromete um outeiro [...] Para Matriz, erigiu uma igreja, com o título de Nossa Senhora da Assunção: fêz cadeia, casa do Concelho e tôdas as mais obras públicas necessárias; foi porém muito breve a duração dos seus edifícios, porque tudo levou o mar...”. (Arquiv. da Câm. de S. Vic. Cad. de Vereaç., ano 1542, apud MADRE DE DEUS, 1975, p. 61-2)

Anchieta descreve São Vicente da seguinte maneira: “É situada em uma ilha que terá seis milhas em largo e nove em circuito; antigamente era porto de mar e nele entrou Martim Afonso de Sousa a primeira vez com sua frota, mas depois com a corrente das aguas e terra do monte se tem fechado o canal, nem podem chegar as embarcações por causa dos baixos e arrecifes; terá 50 fogos de Portugueses com seu vigario, e por estarem as terras gastas e não ter porto se vai despovoando pouco a pouco.” (ANCHIETA, 1988, p. 430)

Praticamente contemporâneo a Anchieta, o também jesuíta padre Fernão Cardim informa que São Vicente teria 80 vizinhos com seu vigário. “Aqui tem os padres uma casa aonde residem de ordinário seis da Companhia: o sitio é mal

(2) Farrilhão ou promontório: é o acidente geográfico em forma de cabo, com afloramentos rochosos escarpados. Varnhagen se refere à localização da Vila de São Vicente próxima a morros, junto dos quais corria um pequeno rio, hoje canalizado.

assombrado, sem vista, ainda que muito sadio: tem boa cerca com várias fructas de Portugal e da terra, e uma fonte de mui bôa agua.” (CARDIM, 1980, p. 174)

Na praça 22 de Janeiro há um monumento, projeto de Benedito Calixto, inaugurado em 1900, relativo ao IV Centenário do Descobrimento do Brasil. Contém uma homenagem à fundação de São Vicente, o brasão de armas de Martim Afonso e um medalhão com a cruz da Ordem de Cristo.

Conforme a edição de 1920 da Comissão, próximo a esse monumento, no sopé do Morro dos Barbosas, havia o colégio voltado para a atual Igreja Matriz com sua fonte. “... um pouco acima do logar em que foi estabelecido o collegio, existe ainda bem conservada a fonte, a qual abastecia o mesmo collegio.” Essa fonte é conhecida como a *Bica dos Padres* (COMISSÃO GEOGRAPHICA E GEOLOGICA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1920, p. VI e VII).



Figura 2: *St. Vincent*, de autoria de Joris van Spilbergen, em 1615. Fonte: REIS FILHO, 2000, imagem SP_02b; CALIXTO, 1924, p. 47

SÃO VICENTE E O ANTIGO LARGO DE SANTO ANTONIO

Em *Capitanias paulistas*, de Benedito Calixto, p. 46-7, consta a estampa *St. Vincent*, de autoria de Joris van Spilbergen, datada de 1615, na qual aparecem as vilas de São Vicente e Santos. A mesma estampa também comparece no trabalho *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*, de Nestor Goulart Reis Filho, sob número SP_02b. Descontados os exageros, talvez seja um dos mais precisos registros sobre Santos e São Vicente, e, embora do século 17, revela a conformação dessas duas vilas. Ambas se encontram parcialmente muradas, aparentemente de material não muito perene, e com altura aproximada entre dois e três metros. São Vicente se apresenta com três portas e uma conformação urbana mais compacta e maior que Santos. No interior da baía de Santos há uma frota de grandes navios holandeses; um deles se encontra fundeado no interior da pequena baía de São Vicente, e, outro, no canal do Porto de Santos. Isso mostra a baía de São Vicente, permitindo também a entrada de grandes embarcações.



Figura 3: Planta de São Vicente, criada por Jules Martin, em 1878
 Fonte: Arquivos do Condephaat

A mesma estampa mostrada por Calixto possui legenda, e, apesar de escrita em francês arcaico, é traduzível. No local, conhecido como Porto das Naus, são identificados um engenho de açúcar e uma igreja.

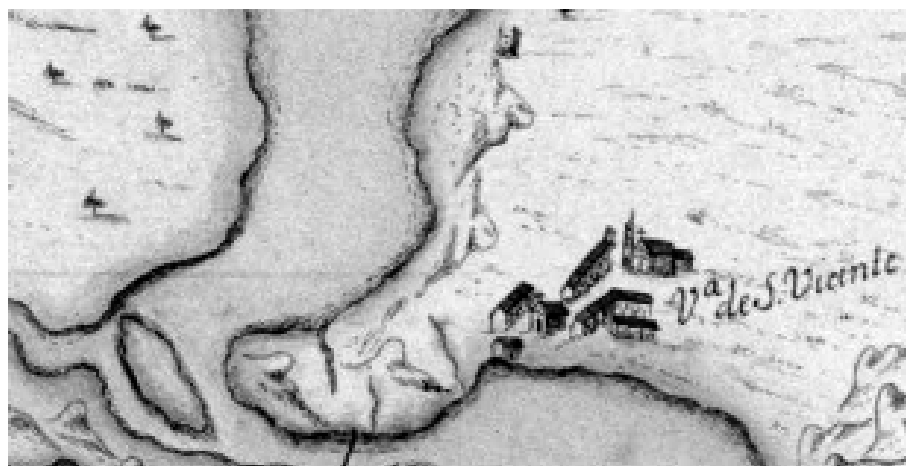
Ao se comparar o local com a cartografia atual, e com a imagem de 1615 sobre São Vicente, verifica-se que algumas explicações de Reis Filho são contestáveis.

Por exemplo, afirma que na estampa “... o canal da Bertioga sai dentro da baía, e leva o autor do desenho a alguns enganos. O principal deles é localizar a Vila de Santos na ilha de Santo Amaro, na margem esquerda do canal do Casqueiro, quando na realidade está sobre a margem direita, na ilha de São Vicente...”.

Na estampa, descontadas as imprecisões, o que é mencionado como o Canal de Bertioga, de fato, é o Canal do Porto de Santos. Assim, a Vila de Santos não está representada na Ilha de Santo Amaro, como explica o professor, mas na Ilha de São Vicente, e, portanto, corretamente. Pode-se confundir esse canal com o que aparece no meio da Ilha de São Vicente. Entretanto, não é um canal, mas o rio São Jorge. Por esse rio era transportada a produção do engenho São Jorge dos Erasmos, criado com São Vicente no século 16 (Figura 2).

Ainda hoje pode ser feita a leitura do que teria sido o centro original e mais antigo de São Vicente, a primeira vila do Brasil, fundada em 1532.

Figura 4: Detalhe da Vila de São Vicente entre 1765 e 1775
Fonte: REIS FILHO, 2000, detalhe da imagem SP_09b



O mapa de Santos e São Vicente, feito por Jules Martin, em 1878, indica o local dos edifícios da Igreja Matriz, da câmara e cadeia. O edifício da câmara e cadeia, reconstruído em 1729, ficava no local onde hoje se encontra o mercado municipal, posicionado próximo e obliquamente em relação à Igreja Matriz (Figura 3).

“A casa onde funcionava a municipalidade de S. Vicente, foi reconstruída em 1729, bem assim a Igreja Matriz em 1757; no mesmo lugar em que existiu a primitiva, desta segunda povoação.” (COMISSÃO GEOGRAPHICA E GEOLOGICA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1920, p. VI e VII)

No mapa de Jules Martin aparece a rua Direita, saindo da matriz em direção a Santos; a rua do Pelourinho, paralela à Direita; a rua do Porto, em direção ao Tumiaru, e a rua da Praia, dirigindo-se à praia de São Vicente. O espaço urbano mostrado pelo mapa de Jules Martin ainda contém o então chamado largo de Santo Antonio, atual praça João Pessoa, representando o núcleo principal da então Vila de São Vicente. O referido largo teve esse nome devido à Igreja de Santo Antonio existente no local, demolida no século 19. No detalhe da *Planta da Barra da Villa de Stos*, publicada por Reis Filho, cujo original se encontra na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, é mostrada a aparência da Vila de São Vicente, entre 1765 e 1775. Estão indicadas algumas casas ao redor do largo de Santo Antonio e duas igrejas: uma com torre e outra sem. A igreja sem torre seria a de Santo Antonio e a outra, a atual Matriz, a Igreja dos Jesuítas, mencionada por Lúcio Costa, a qual ainda lá se encontra (Figura 4).

Essa Igreja de Santo Antonio, também citada por Sebastião Rocha Pitta, no século 18, com a atual Matriz, a câmara e cadeia e o casario em volta, compunham o largo de Santo Antonio, centro principal da Vila de São Vicente. *“Não existindo na primeira (S. Vicente) mais que a Igreja Matriz com invocação do Santo, e huma Capella de Santo Antonio, pequena pela fabrica, e grande pelos milagres,...”* (PITTA, Sebastião Rocha. *Historia da America portuguesa*, apud COMISSÃO GEOGRAPHICA E GEOLOGICA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1920, p. V).

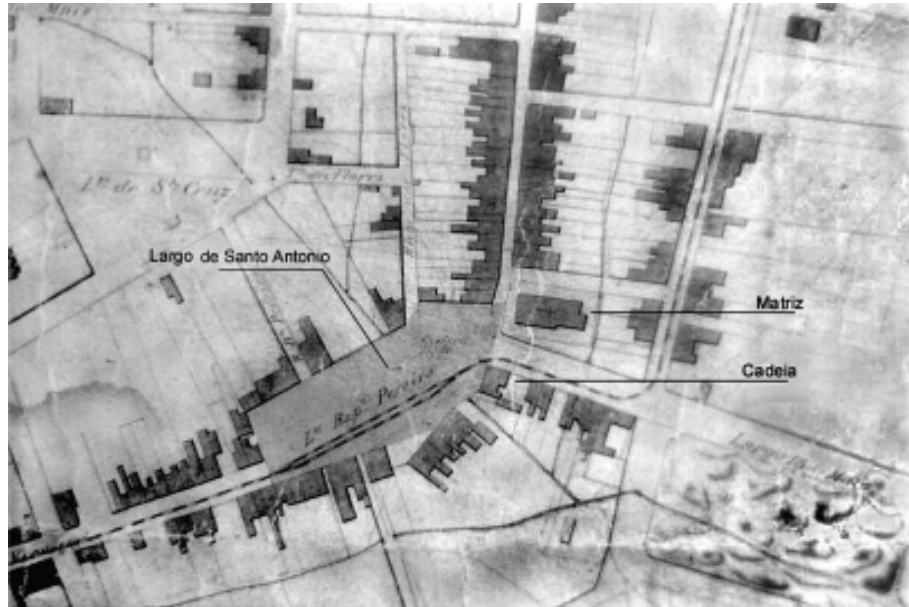


Figura 5: Planta cadastral da cidade de São Vicente, 1899, Escala 1:2.000, S. Paulo, 9 de novembro de 1899
Crédito: Autor, 1998

A planta organizada por Benedito Calixto, a qual pretende traçar uma reconstituição da São Vicente de 1532, mostra a rua Direita, saindo da Igreja Matriz, e sua continuação seguia em direção ao Caminho para Santos. Indica, também, o local da referida Igreja de Santo Antonio no então largo de Santo Antonio.

O nome original do largo deveria ser resgatado em substituição ao nome atual, ou pelo menos mencionado por uma placa colocada no local. É o espaço central aberto destinado ao uso público e correspondente ao centro original e mais antigo de São Vicente: o largo de Santo Antonio.

A planta de São Vicente, de 1899, encontrada no Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente, foi a primeira planta da cidade elaborada com precisão geométrica. Elaborada em escala 1:2.000, nela consta toda a área urbana da então cidade de São Vicente, em 1899.

Pode-se notar que o centro urbano ainda apresentava a configuração urbana do período colonial, com construções feitas no alinhamento (Figura 5).

Ainda hoje essa estrutura fundiária permanece quase a mesma. Embora as construções tradicionais tenham se transformado durante o século 20, na área referida na planta as novas construções mantiveram a mesma implantação urbana de períodos mais antigos.

Dessa planta se pode visualizar a área de abrangência do que, de fato, teria sido a Vila Colonial e como poderia ser o centro histórico de São Vicente hoje, se tivesse sido preservado.

A referida planta revela informações preciosas de 1899, tais como:

1 – Apresenta a localização da antiga casa de câmara e cadeia, onde é hoje o mercado municipal, perto da Igreja Matriz, portanto, confirmando a localização do núcleo original da vila;

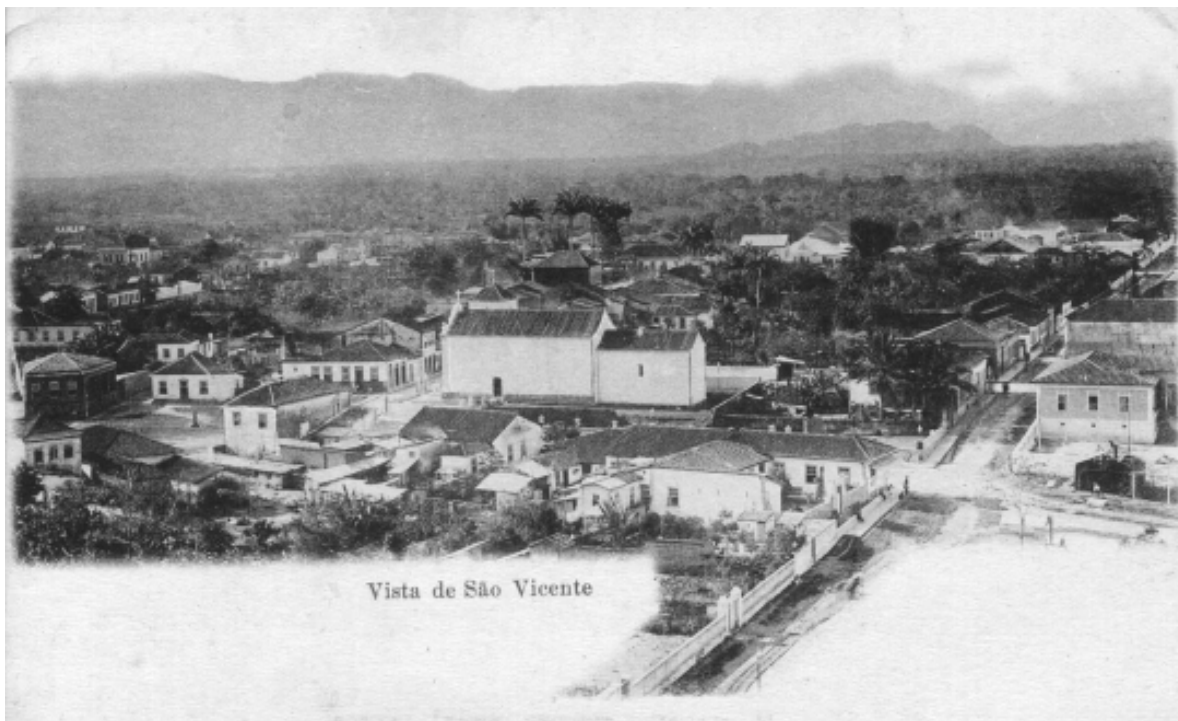


Figura 6: São Vicente por volta de 1900
Fonte: Arquivo cedido pelo Prof. Dr. Benedito Lima de Toledo

2 – por ser uma planta cadastral precisa, contém todos os lotes urbanos com suas dimensões, os nomes das vias públicas, as principais referências urbanas, as linhas de bonde, além dos elementos geográficos mais importantes.

Os nomes dos autores da planta não foi possível decifrar por inteiro, pois o papel se encontrava muito deteriorado.

A imagem correspondente à planta de 1899 é a de um cartão-postal da época. Mostra o centro de São Vicente, com as vias em chão batido e construções de, no máximo, dois pavimentos (Figura 6).

São Vicente, até o começo do século 20 era bastante semelhante a muitos espaços centrais preservados de cidades existentes ao longo do litoral paulista e de todo o litoral brasileiro, como: Cananéia, Iguape, São Sebastião, Olinda, Paranaguá. São construções de pedra e cal, de grandes telhados com telhas de barro do tipo capa e canal, em volta de um espaço aberto, geralmente, chamado de largo.

O adro franciscano da antiga Igreja de Santo Antonio, demolida no século 19, com o terreiro jesuíta da antiga Igreja dos Jesuítas, hoje Matriz, formavam um único espaço público aberto. A configuração arquitetônica original do centro de São Vicente se transformou. Mas o antigo largo de Santo Antonio da antiga vila ainda é uma das poucas permanências do espaço urbano a ser identificado no local. Ali foi o centro da primeira vila do Brasil, sede da capitania de São Vicente, que se mantém depois de muitos séculos. Portanto, deveria ser tratado com muito cuidado e reverenciado como um local de grande valor histórico e arqueológico.

BIBLIOGRAFIA

- ANCHIETA, José de. *Cartas: Informações, fragmentos históricos e sermões / José de Anchieta*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.
- CALIXTO, Benedito. *Capitanias paulistas – São Vicente, Itanhaém, São Paulo*. São Paulo: s. n., 1924.
- CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.
- COMISSÃO GEOGRÁFICA E GEOLOGICA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Cidade de Santos á fronteira do Estado do Paraná. *Exploração do Litoral*, 2. Secção. São Paulo: Typographia Brazil de Rothschild & Co., 1920. Escala 1:50.000.
- COSTA, Lúcio. *A arquitetura dos jesuítas no Brasil*. São Paulo: FAUUSP e MEC-IPHAN, 1978.
- DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PERO LOPES DE SOUSA (DE 1530 A 1532). *Revista Trimensal do Instituto Histórico Geográfico e Ethnográfico do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. de D. Luiz dos Santos, Tomo XXIV, p. 9-75, 1861.
- TEGRAN (Grupo Executivo da Grande São Paulo). São Paulo: Sistema Cartográfico Metropolitano da Grande São Paulo. (São Vicente, SP). Levantamento Aerofotogramétrico, 1974. Escala 1:10.000.
- LEITE, Serafim. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil – (1538-1553)*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, v. I e v. 3, 1958.
- MADRE DE DEUS, Frei Gaspar. Memórias para a história da capitania de São Vicente. *Reconquista do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, v. 20, 1975.
- MENDONÇA, Marcos Carneiro de. *Raízes da formação administrativa do Brasil*. Rio de Janeiro: I. H. G. B., Conselho Federal de Cultura, Tomo I, 1972.
- PETRONE, Pasquale. Povoamento e caminhos nos séculos XVI e XVII. In: *A Baixada Santista – Aspectos geográficos*. São Paulo: Edusp, v. 2, 1965.
- PORTO SEGURO, Visconde de. (Francisco de Adolpho de Varnhagen). *História geral do Brasil antes da sua separação e independência de Portugal*. 3. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, Tomo I (4. ed.), 192_?.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*. Colab. Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno, Paulo Júlio Valentim Bruna. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado; Fapesp, 2000 (Uspiana-Brasil 500 Anos).
- SANTOS, Francisco Martins dos. *História de Santos*. São Paulo: Empresa Graphica da Revista dos Tribunaes, 1937.
- SANTOS, Paulo F. *Formação de cidades no Brasil colonial*. Trabalho apresentado ao V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS, Coimbra, 1968.
- TAUNAY, Affonso d'Escragnole. *São Paulo no século XVI – História da Villa Piratiningana*. São Paulo: Tours, E. Arrault & Cia., 1921.
- ZENHA, Edmundo. *O município no Brasil (1532-1700)*. São Paulo: Progresso, 1948.

PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

História, patrimônio cultural, urbanismo.

History, cultural heritage, urbanism.

Marco Antonio Lança

Arquiteto do Condephaat, mestre e doutorando pela FAUUSP e professor assistente do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNISANTOS.